

irá distinguir uma importante especificidade das diegeses: o fantástico. Fernando Pessoa (o fantasma), Deus e o Diabo são personagens abstratas, mas deslocam-se e materializam-se nas interações com os protagonistas. São estabelecidos e revisitados conflitos, divergências, aspectos das construções míticas e imagéticas que orbitam em torno dessas figuras.

Por fim, Sara Grünhagen trata da definição do estilo de José Saramago, e como prescreve a autora: a noção de estilo é bastante ampla. No entanto “[...] há elementos que permitem definir os contornos da sua escrita, individualizando-a, o conjunto da sua obra não só é variado – no que se refere aos romances, pode-se já antecipar uma divisão em, pelo menos, três Saramagos”. (p. 520) Ao apresentar o conceito de estilo e suas particularidades, Sara Grünhagen convoca o leitor a ver, olhar e reparar em José Saramago, em destaque, a construção narrativa que faz amplo uso da metalepse, intertextualidade, intermedialidade e transficcionalidade. Essa noção alargada de estilo também compreende a construção de imagens, o uso do discurso narrativo (iniciada em *Levantado do chão* e marca indelével de Saramago) e suas variações.

Nas palavras de Carlos Reis, no prefácio de *A cor dos cabelos de Deus* “[...] não é possível construir um estudo com esta dimensão e alcance, sem as qualidades de investigadora criteriosa que Sara Grünhagen possui, ao que

se junta a invulgar inteligência crítica com que enfrentou os textos com que lidou.” (p. 21). É uma pesquisa profícua e única, onde se percebe a leitura arguta e compromissada com a própria essência de José Saramago. Suas fontes variam entre a fortuna crítica publicada em livros, periódicos na forma de textos, entrevistas e suportes heterogêneos. As fontes críticas consagradas pelos estudos literários são importantes como exemplo do uso com excelência de textos seminais. Todos os outros textos, romances, dramaturgia, diários e biografia se organizam na visão de Sara Grünhagen. É, em definitivo, uma análise que se torna incontornável na leitura e estudo da obra de José Saramago.

Gabriela Silva

<https://orcid.org/0000-0001-6249-5166>

**EÇA DE QUEIRÓS NO EGITO E A
ABERTURA DO CANAL DE SUEZ:
VIAGEM, ORIENTALISMO E IMPÉRIO**

Teresa Pinto Coelho

Lisboa: Tinta da China, 2024

366 páginas, ISBN 978-989-671-873-2

Eça de Queirós no Egito e a Abertura do Canal de Suez: Viagem, Orientalismo e Império, de Teresa Pinto Coelho transporta os seus leitores para o imaginário queiroso sobre o Oriente. Numa análise imersiva e pormenorizada, a autora documenta exaustivamente o périplo de Eça por territórios

que hoje são designados por “Médio Oriente” (Egipto, Palestina, Líbano e outros) entre outubro de 1869 e janeiro de 1870. Esta viagem é motivada, entre outros fatores, pela inauguração do Canal de Suez, que teve lugar em novembro de 1869. Pinto Coelho faz questão de justificar a pertinência do seu livro, argumentando que “cerca de 150 anos após a abertura do Canal de Suez e o alargamento e restauração do mesmo em 2015, regressar aos testemunhos queirosianos se reveste de enorme atualidade” (Coelho, 2024: 40). Não deixando este de ser um estudo marcadamente académico, no qual se observa uma profusão de referências bibliográficas, remissões para outros autores e trabalhos científicos, parece-nos que a autora procurou utilizar uma linguagem simples e acessível a um público não especialista, clarificando conceitos e dotando a obra de uma estrutura apelativa. Cremos, portanto, que esta investigação contribuiu para um maior conhecimento do legado queirosiano e muito concretamente da herança literária que resultou da viagem deste autor oitocentista ao Oriente.

Debrucemo-nos agora sobre o que a autora escreveu neste livro. Assim, Pinto Coelho começa por explicar, na secção que designa como “Antecâmara”, o longo processo de investigação que esteve na base da presente obra. Através da leitura de relatos de viagem, do estudo de diversas obras textuais, pictóricas, arquitetónicas, entre outras, de cariz orientalista, a autora esclarece

ter procurado reconstituir minuciosamente o roteiro que Eça realizou no seu périplo por terras egípcias e não só, com o objetivo de assistir às cerimónias de inauguração do Canal de Suez que tiveram lugar entre 16 e 25 de novembro de 1869.

Já na “Introdução”, dividida em três pontos, Pinto Coelho detalha os contornos em que Eça foi convidado para a inauguração do Canal, “(...) provavelmente enquanto correspondente do *Diário de Notícias*” (Coelho, 2024: 18), apresenta o *corpus* textual queirosiano que resultou dessa viagem e, por fim, menciona que analisará os textos resultantes desta viagem à luz do conceito de orientalismo, teorizado por Edward Said. Esta noção “é, para Said, uma justificação da supremacia (...) ideológica do Ocidente” (Coelho, 2024: 35) sobre o Oriente, explica Pinto Coelho. No entanto, a autora defende que limitar os relatos de viagem, como o queirosiano “(...) a um discurso essencialista de superioridade e veículo do poder ocidental é muito redutor” (Coelho, 2024: 35).

No primeiro capítulo do livro, que consiste numa sùmula dos conhecimentos que um viajante oitocentista tinha ao seu dispor para preparar um itinerário por terras que hoje são designadas por Médio Oriente, Coelho aventa a hipótese de Eça dispor de uma densa “(...) bagagem imaginária e intelectual” (Coelho, 2024: 43) que alimentava a sua admiração orientalista. Desde a pintura, à fotografia passando

pela vasta produção textual sobre os territórios que Eça visitou aquando da sua ida ao Oriente, muitas foram as fontes a que Eça pode ter recorrido para preparar intelectualmente a sua viagem. Os guias de viagem, por exemplo, ocupavam um lugar preponderante enquanto obras que recomendavam leituras preparatórias. No fundo, à época, “a viagem é vista [...] como formação cultural e intelectual” (Coelho, 2024: 77).

Ao longo do segundo ponto da obra, a autora reconstitui “as etapas do percurso marítimo e terrestre queiro-siano” (Coelho, 2024: 33) e explora a extensa lista de convidados do *Khedive* Ismail, o governador egípcio à época, para as cerimónias de inauguração do Canal de Suez. Deve-se salientar que Eça e o conde de Resende, seu companheiro de viagem, não integravam a lista de convidados de honra.

Já no terceiro capítulo, Pinto Coelho analisa o percurso que Eça realizou até chegar à cidade do Cairo, passando por Cádiz, Gibraltar, Malta e Alexandria, constatando que esta primeira etapa da viagem queirosiana não teve grande interesse para o autor. Tecendo comentários acerca da malha urbana e da mancha humana que habitava estas cidades, Eça como que condena a modernidade, “caraterizada pelo materialismo, a ocidentalização, em oposição a uma visão romântica do Oriente” (Coelho, 2024: 111). Para a autora, Eça revela-se, na verdade, através da sua escrita “um homem do seu tempo com ideias pre-

concebidas sobre o caráter nacional de um povo” (Coelho, 2024: 111).

O capítulo quatro, de longe o mais extenso e, arriscamos dizer, o principal desta obra, transporta o leitor para a visão queirosiana sobre o Egipto nas suas mais variadas facetas, explorando em detalhe o *corpus* textual atrás referido que Eça legou à posteridade. No Cairo, Eça entra no coração do referido “Oriente”, traçando inúmeros contrastes entre as suas mundividências ocidentais e a alteridade oriental. Com efeito, “o Oriente queirosiano não representa apenas o negativo do Ocidente, mas também libertação, imaginação, poesia” (Coelho, 2024: 130). Eça contrasta uma Europa monótona com um Oriente luminoso, não deixando de o ler, avança a autora, aos olhos de um ocidental. “A viagem pode, assim, ser interpretada como fuga à realidade, à sua própria realidade, libertação das convenções do mundo ocidental, uma oportunidade de experimentar sensações novas” (Coelho, 2024: 151). Proporciona ainda aos seus leitores uma descrição da mulher oriental.

A autora descreve, por fim, no capítulo quinto a experiência de Eça nas cerimónias de inauguração do Canal, baseando-se nos artigos que o autor escreveu para o *Diário de Notícias*, concluindo a obra com a análise do legado desta viagem queirosiana e a forma como esta impactou a vida e a obra de Eça nos anos que se seguiram. Deduz que Eça foi “nitidamente em peregrinação em busca das origens do Cris-

tianismo, uma das fortes razões, muito provavelmente, a razão, que o terão levado ao Egipto” (Coelho, 2024: 302) e afirma que o autor oitocentista se tornou após esta viagem num verdadeiro “europeu moderno, num jornalista político e num autor transnacional” (Coelho, 2024: 314).

Parece-nos, com efeito, que este estudo de Teresa Pinto Coelho mapeia e revê o conteúdo das principais obras que já se tinham debruçado sobre esta temática (poucas, é preciso acrescentar), mas também introduz novos conhecimentos e interpretações. Se olharmos, por exemplo, para os textos generalistas de referência sobre a obra queirosiana da autoria e coordenação de Alfredo Campos Matos, encontramos ideias que seguem em linha com as de Pinto Coelho, como a de que “Eça sucumbirá ao fascínio do Oriente mítico e romântico” (Lima, 2015: 465) ou de que o autor oitocentista comunicava de um “orientalismo literário [...] cultivado por nomes como Chateaubriand, Nerval, Lamartine, Gautier e Flaubert” (Matos, 2017: 49). Também os textos de João Gaspar Simões (1980) ou de Luís Manuel de Araújo (1987) constituem fontes para o trabalho da autora, dada a sua relevância para o tema em questão.

Numa recensão recente que surge no jornal *Público*, António Araújo elogia o trabalho da autora considerando este estudo um “importante avanço nos estudos queirosianos” (Araújo, 2025: 24), mas não sem deixar uma

crítica ao que considera ser “um uso e abuso” (Araújo, 2025: 25) do conceito de *Orientalismo*, teorizado por Edward Said. Parece-nos que esta constatação tem fundamento, mas peca por ignorar o facto de Pinto Coelho dizer reiteradamente que “limitar os relatos de viagem, como o queirosiano (...) a um discurso essencialista de superioridade e veículo do poder ocidental é muito redutor” (Coelho, 2024: 35). De facto, na nossa opinião, a associação da teoria de Said que se traduz “num estilo de pensamento baseado numa diferença ontológica e epistemológica estabelecida entre “o Oriente” e (na maioria dos casos) “o Ocidente” (Said, 2021: 33) à escrita queirosiana acaba por ser um pouco forçada, na medida em que Eça era um autor de uma ambivalência enorme, dotado de um sentido crítico muito apurado e, portanto, não se encaixaria, pensamos nós, nestes chavões ideológicos.

Apesar deste facto, julgamos que Teresa Pinto Coelho contribuiu indiscutivelmente para o avançar dos estudos queirosianos, através de um trabalho atento às palavras que Eça nos quis deixar. Talvez seja essa a melhor homenagem que lhe possamos fazer: prestar atenção e tratar com cuidado as palavras que [Eça] nos legou.

BIBLIOGRAFIA

Araújo, António (2025). “Uma investigação notável sobre a viagem de Eça de Queiroz ao Egipto, em 1869”, [em linha] disponível em <https://www.publico>.

pt/2025/01/02/culturaipilon/critica/investigacao-notavel-viagem-eca-queiroz-egipto-1869-2110755 [consultado em 10 de fevereiro de 2025].

Lima, Isabel Pires de (2015). “Eça e o Oriente”, in Alfredo Campos Matos (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz* (p. 465). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Matos, Alfredo Campos (2017). “Os Anos de Lisboa e a Viagem ao Oriente”, in *Eça de Queiroz, Uma Biografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Said, Edward (2021). “Introdução”, in *Orientalismo. Representações Ocidentais do Oriente*. Lisboa: Edições 70.

José Alberto Catalão

<https://orcid.org/0009-0003-5196-5750>

A GRAN FINAL

Xaquín Núñez (ed.)

Santiago de Compostela: Edicións

Positivas, 2024

268 páginas, ISBN 978-84-128407-4-2

Um preconceito injustificado e persistente afasta o mundo académico do vasto, complexo e sedutor universo do desporto. Pelo menos duas razões podem ser conjeturadas como explicações para esse afastamento. Uma: trata-se de domínios que, de forma esquemática e redutora, são configurados como antagónicos, sendo um deles regido pelo intelecto e o outro pelo corpo e pelas suas proezas, coisa, esta última, que padece de simplificação.

Segunda razão: a reflexão científica, cultural e artística presume-se desinteressada de compensações materiais (o que, de certa forma, é uma mistificação), ao passo que o desporto, na atualidade, requer investimentos financeiros apreciáveis – o que é verdade. A profissionalização dos atletas, a mediatização das modalidades e o valor económico da publicidade são, entre outros, elementos estruturantes e fatores de incremento daqueles investimentos. Mais: sobretudo por via mediática, aquele a quem cabe ser, em campo, o protagonista da prática desportiva pode ser transformado em mito e, como tal, em sujeito narrativo; nem mesmo a curta duração da sua atividade anula essa tendência, como bem sabemos quando recordamos as imagens elaboradas (é também disso que se trata) de figuras como Jesse Owens ou Pelé, Di Stéfano ou Eusébio, Maradona ou Nadia Comaneci, Björn Borg ou Martina Navratilova, Usain Bolt ou Michael Phelps, Cristiano Ronaldo ou Lionel Messi. Nos últimos anos, as redes sociais elevaram a um expoente altíssimo os efeitos de mitificação a que me refiro.

Mesmo sem menção expressa ou circunstanciada a estes nomes, o livro de que aqui me ocupo trata de muito do que já fica dito. O facto de ele ser organizado por um académico, Xaquín Núñez, professor da Universidade do Minho, é, só por si, a abertura de uma brecha naquilo a que chamei um preconceito persistente. Para mais, a obra